

## Notas para a terceira edição da TRAÇA— mostra de filmes de arquivos familiares

O homem parece ter sido atraído pelos fósseis desde os tempos da Pré-história, a ponto de os fazer objecto de *coleção*. A *matéria* de que eram compostos, que remetia para o mundo inanimado da *natureza*, e a *forma* que, ao contrário, evocava a *vida* nas suas várias expressões—*animal*, *vegetal*—, colocavam uma série de interrogações. Antes do mais, as formas impressas sobre a matéria falavam da *existência* de um mundo desaparecido, do qual constituíam uma espécie de documento surpreendente, *fantástico*, que excitava a *imaginação* quer sobre a *génese* do mundo como totalidade e *universo*, quer sobre o *fenómeno* que permitia uma primeira forma de *conhecimento*, através do que poderia aparecer como *memória* solidificada, do passado, quer, ainda, sobre as propriedades do objecto. Desta forma a *alquimia*, a medicina, a *religião* nas suas várias manifestações, e a própria *ciência* eram evocadas pela existência dos fósseis. A estes últimos se deve em grande parte o aparecimento de novas teorias no campo da formação da *terra*, da *evolução* das espécies vegetais e animais e do homem, de novas explicações da natureza e da própria *paisagem* tal como se apresenta hoje das suas linhas gerais e de fundo. Os fósseis constituíram outros tantos signos, os quais a pouco e pouco assumiram um *significado* diferente em conformidade com a relação *natureza/cultura* que se estabelece na *história* do homem.

—Jacques Barrau, Encyclopédia Einaudi, volume 1  
Memória-História, síntese da entrada: «Fóssil».

A cidade só aparentemente é uniforme. Até o seu nome soa diferente nas suas várias zonas. Em nenhum outro lugar, a não ser talvez nos sonhos, o fenómeno da fronteira é experienciável de forma mais original do que nas cidades. Conhecê-las significa saber por onde passam essas linhas que correm ao longo dos viadutos ferroviários, através de casas, adentro dos parques, nas margens dos rios, funcionando como linhas de demarcação, significa conhecer essas fronteiras, bem como os enclaves das diferentes zonas. Na sua função de limiar, a fronteira atravessa as ruas; um novo território começa como um passo no vazio, como se tivéssemos pisado um degrau mais baixo que não víamos. [C3,3]

—Walter Benjamin, *As Passagens de Paris*

As cidades, mesmo que durem séculos, são na realidade grandes acampamentos dos vivos e dos mortos, onde poucos elementos permanecem como sinais, símbolos, avisos. Quando a festa acaba, os elementos da arquitectura estão em farrapos, e a areia volta a devorar a rua. Não há mais nada a fazer a não ser retomar, com persistência, a reconstrução de elementos e instrumentos na expectativa de outra festa.

—Aldo Rossi (*Autobiografia científica*) citado e traduzido por Diogo Seixas Lopes em *Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi*

Que papel atribui à poesia no mundo de hoje? Talvez fosse bonito responder: colaborar na reconstrução da cidade. [...] O certo é que a poesia deve, entre outras coisas, contribuir para fundar uma sociedade mais justa. O poeta é homem e por vezes indigna-se com o que vê. Daí a revolta. Mas nem toda a revolta é poesia.

—Entrevista a Ruy Belo por Maria Teresa Horta

NOITE NO MUSEU

## DE HISTÓRIA NATURAL

Na véspera da invasão russa,  
no Museu de História Natural de Praga,  
eu mapeava espécimes de peixes-serra  
e tartarugas gigantes,  
que emergem no Adriático  
de cinquenta em cinquenta anos.  
Ordenava infindáveis  
borboletas de mansas cores,  
coleccionava conchas dos sete mares.  
Retirava das caves fósseis porosos  
e ossos esquecidos de delfins.  
Antes de me tirarem a chave do museu,  
deixei um polvo dançar  
na eternidade envidraçada.  
Agora perguntam-me  
como é que um professor de biologia  
suporta o lugar de coveiro que lhe deram/  
no cemitério local.  
Nada de estranhar, respondo,/

hão-de perceber que  
quanto mais fundo enterro a pá,  
mais perto fico da fonte da vida.

—Tomica Bajsić, traduzido por Tamina Šop e  
Rui Manuel Amaral

## ESCAVAR E RECORDAR

A linguagem fez-nos perceber, de forma inconfundível, como a memória (*Gedächtnis*) não é um instrumento, mas um *medium*, para a exploração do passado. É o *medium* do que foi vivido (*das Erlebte*), do mesmo modo que a terra é o *medium* no qual estão soterradas as cidades antigas. Quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem de comportar-se como um homem que escava. Fundamental é que ele não receie regressar repetidas vezes à mesma matéria (*Sachverhalt*) – espalhá-la, tal como se espalha terra, revolvê-la, tal como se revolve o reino a terra. Porque essas «matérias» mais não são do que estratos dos quais só a mais cuidadosa

investigação consegue extrair aquelas coisas que justificam o esforço do escavador. Falo das imagens que, arrancadas a todos os seus contextos anteriores, estão agora expostas, como preciosidades, nos aposentos sóbrios da nossa visão posterior—como torsos na galeria do coleccionador. E não há dúvida de que é útil nas escavações ser guiado por mapas do lugar. Mas igualmente imprescindível é saber enterrar a pá de forma cuidadosa e tacteante no escuro reino da terra. E engana-se e priva-se do melhor quem se limitar a fazer o inventário dos achados, e não for capaz de assinalar, no terreno do presente, o lugar exacto em que guarda as coisas do passado. Assim, as verdadeiras recordações (*Erinnerungen*) deve ter menos a forma de um relatório, e mais o da indicação exacta do lugar onde o investigador se apoderou delas. Por isso, a verdadeira recordação é rigorosamente épica e rapsódica, deve dar ao mesmo tempo uma imagem daquele que se recorda, do mesmo modo que um bom relatório arqueológico não tem apenas de mencionar os estratos de onde provêm os achados, mas sobretudo os outros, aqueles pelos quais o trabalho teve de passar antes.

—Walter Benjamin, *Imagens de Pensamento*  
(segue-se a tradução de João Barrento, alterada por Maria Filomena Molder)

Fundamental é a repetição, quer dizer, não se desce por uma vez às profundezas da memória (da nossa vida soterrada). A recordação é épica, heróica, tendendo a desfazer a identidade da primeira pessoa, a terceira pessoa é a sua orientação; e rapsódica por ser recitação e transmissão, invalidando a distinção segura entre aquele que vive e aquele que recorda, sem cair na ilusão de que as imagens resgatadas são ainda reconhecíveis como coisas da nossa vida enquanto se vivia, e estão ainda agarradas aos seus contextos anteriores. Não, essas imagens são arrancadas aos seus contextos anteriores e expõem-se como «preciosidades», «torsos na

galeria do coleccionador», o que propicia que a «verdadeira recordação» devolva uma «imagem daquele que se recorda», uma imagem que não estava guardada à espera dele, uma imagem que acaba de ser surpreendida.

É preciso dizer que viver é enterrar-se, isto é, enquanto vivemos há alguma coisa que está a ser enterrada, é a isto que nós costumamos chamar passado. Por isso a recordação só é possível através de uma operação: escavar. Convém ter sempre sob mira que não se trata de uma escavação qualquer, mas da escavação daquilo que foi enterrado na nossa vida durante a nossa vida e que recordar é desenterrar a nossa vida durante a nossa vida. O acto de desenterrar tem de ser levado a cabo com muito cuidado por aquele que recorda. Não é só escavar a terra—é a terra que está a ser escavada, convém não esquecer, a terra onde nós vivemos, a terra da nossa vida também, o elemento onde a nossa vida está soterrada, a memória—, porque a maneira como se usa a pá também é muito importante, exige-se um cuidado particular com a operação através do instrumento (aqui, cintila a distinção entre *médium*, a terra, a memória).

E depois não interessa apenas fazer o relatório das descobertas, essa talvez seja a parte menos importante, se bem que não seja despicienda, interessa sobretudo não perder todos aqueles movimentos preparatórios que deram lugar à possibilidade de a pá poder levantar um bocado de terra e depois poder levantar outro bocado de terra. É no presente que esses bocados de terra caem, se espalham e se revolvem. Tudo isso faz com que o acto de recordar seja tudo menos um acto fácil e expontâneo, ao invés, é um acto que exige disciplina, e para ela não há nenhum livro de estilo. A disciplina exercita-se à medida que o acto vai avançando, com todos os perigos que isso acarreta, e também com todos os júbilos que a podem acompanhar.

—Maria Filomena Molder, «Imagens para o Arquivo» in *O QUE É O ARQUIVO?*

Talvez a observação das coisas tenha sido a minha mais importante educação formal: depois, a observação transformou-se numa memória destas coisas. Agora, parece-me vê-las a todas como se fossem instrumentos numa fila perfeita; alinhadas como num herbário, numa listagem, num dicionário. Mas esta listagem entre imaginação e memória não é neutra, ela regressa sempre a alguns objectos e, nestes, participa também na sua deformação ou, de algum modo, na sua evolução.

—Aldo Rossi, *Autobiografia científica*

Isto não é uma obra de história. O acervo que aqui encontraremos não obedeceu à regra mais importante que o meu gosto, o meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou outro sentimento qualquer, cuja intensidade talvez me fosse difícil justificar, agora que é passado o primeiro momento de descoberta. É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desditas e aventuras sem número, recolhidas numa mão-cheia de palavras. Vidas breves, achadas a esmo em livros e documentos. *Exempla*, mas — ao contrário daqueles que os sábios recolhiam no decurso das suas leituras —, são exemplos que têm menos de lições a serem meditadas, do que de breves efeitos cuja força se desvanece quase imediatamente. Agradar-me-ia designá-los com o termo de “novelas”, pela dupla referência que ele comporta: ao desembaraço da narrativa e à realidade dos acontecimentos relatados; pois é tal a coesão das coisas ditas, nestes textos, que ficamos sem saber se a intensidade que os percorre vem mais do fulgor das palavras ou da violência dos factos de que eles estão repletos. Vidas singulares, não sei por que acasos tornadas estranhos poemas, eis o que pretendi recolher numa espécie de herbário.

—Michel Foucault, *A vida dos homens infames*

## PERGUNTAS DUM OPERÁRIO LEITOR

Quem construiu a Tebas das sete portas?  
Nos livros estão os nomes de reis.  
Foram os reis que arrastaram os blocos de pedra?  
E a várias vezes destruída Babilónia—  
Quem é que tantas vezes a reconstruiu?/  
    Em que casas  
Da Lima refulcente de oiro moraram os/  
    construtores?  
Para onde foram os pedreiros na noite em que/  
    ficou pronta  
A Muralha da China? A grande Roma  
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os levantou?/  
    Sobre quem  
Triunfaram os Césares? Tinha a tão cantada Bizâncio  
Só palácios para os seus habitantes? Mesmo na/  
    lendária Atlântida,  
Na noite em que o mar a engoliu, bramavam  
Os afogados pelos seus escravos.

O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Ele sozinho?  
César bateu os Gálios.  
Não teria consigo um cozinheiro ao menos?  
Felipe de Espanha chorou, quando a sua Armada  
Se afundou. Não chorou mais ninguém?  
Frederico Segundo venceu a Guerra dos Sete Anos./  
    Quem  
Venceu além dele?

Cada página uma vitória.  
Quem cozinhou o banquete da vitória?  
Cada dez anos um Grande Homem.  
Quem pagou as despesas?

Tantos relatos.  
Tantas perguntas.

—Bertolt Brecht, traduzido por Paulo Quintela

*Não são apenas as pessoas que têm percursos de vida, também as coisas têm: as roupas, o trabalho, os hábitos e as expectativas. Para as pessoas, os percursos de vida são a habitação, quando lá fora impera a crise. Todos os percursos de vida, juntos, formam uma escrita invisível. Nunca vivem sozinhos. Existem em grupos, gerações, estados, redes. Adoram desvios e saídas. Os percursos de vida são animais ligados entre si.*

—Alexander Kluge, *Crónica dos Sentimentos*

Os passos que dá um homem, desde o dia do seu nascimento até ao da morte, desenham no tempo uma figura inconcebível. [...] Essa figura (se calhar) tem a sua determinada função na economia do universo.

—Jorge Luis Borges, *O Espelho dos enigmas*

O filme projecta-se em nós, os projectores.

—Herberto Helder, *(memória, montagem)*

## TRAÇA—mostra de filmes de arquivos familiares

PREÂMBULO: três dias em outubro, 2019

24/10: Conversa no Teatro do Bairro Alto

25/10: Visita ao Museu Geológico

26/10: Encontro no Bairro dos Lóios

A terceira edição da TRAÇA—mostra de filmes de arquivos familiares acontecerá em maio de 2020. Equipa: António Brito Guterres, Fátima Tomé, Inês Sapeta Dias, Maria do Mar Fazenda e Pedro Soares.

Uma organização da Câmara Municipal de Lisboa /  
Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca